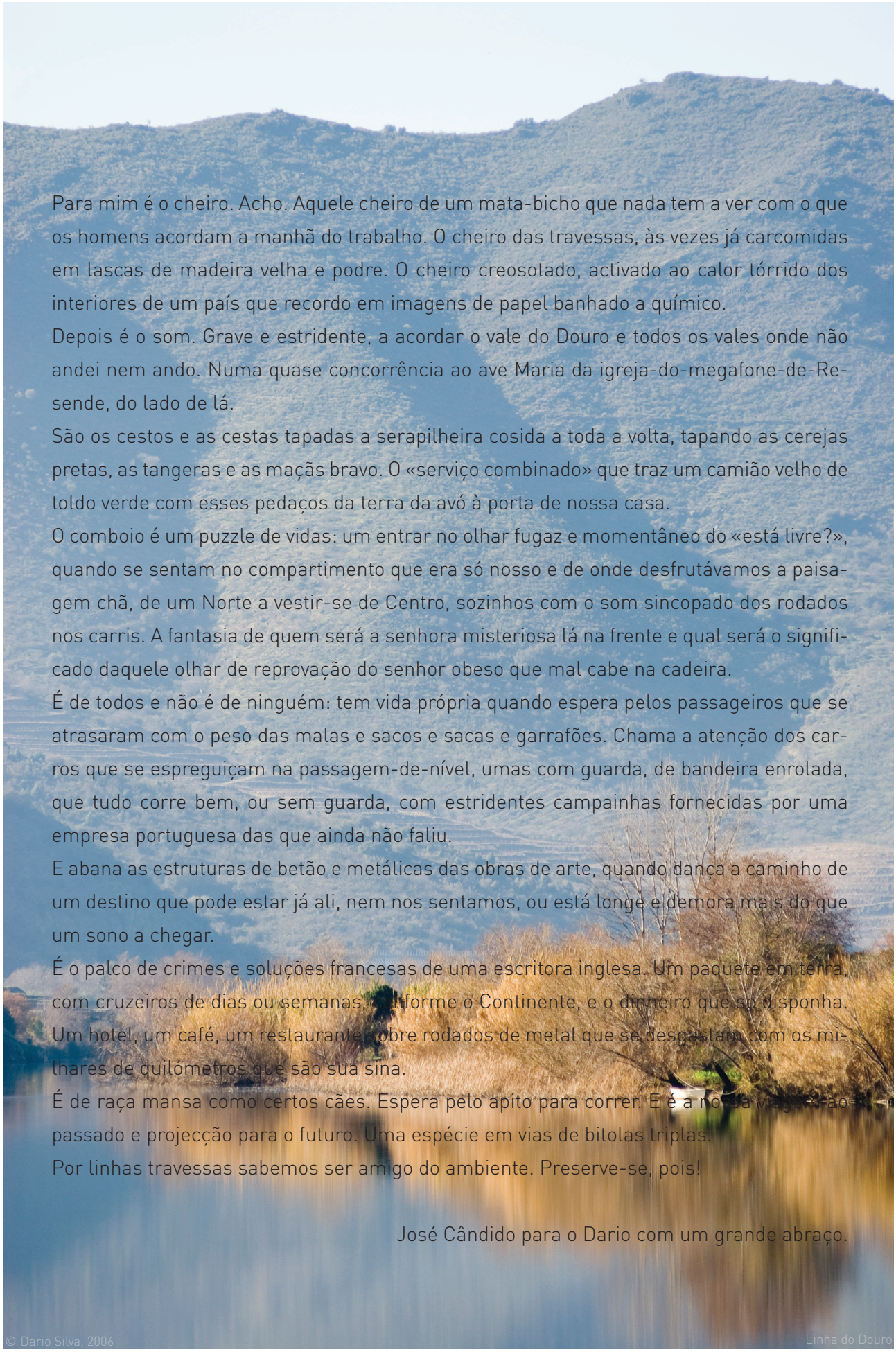
Para mim é o cheiro

José Cândido



Para mim é o cheiro. Acho. Aquele cheiro de um mata-bicho que nada tem a ver com o que os homens acordam a manhã do trabalho. O cheiro das travessas, às vezes já carcomidas em lascas de madeira velha e podre. O cheiro creosotado, activado ao calor tórrido dos interiores de um país que recordo em imagens de papel banhado a químico.

Depois é o som. Grave e estridente, a acordar o vale do Douro e todos os vales onde não andei nem ando. Numa quase concorrência ao ave Maria da igreja-do-megafone-de-Resende, do lado de lá.

São os cestos e as cestas tapadas a serapilheira cosida a toda a volta, tapando as cerejas pretas, as tangeras e as maçãs bravo. O «serviço combinado» que traz um camião velho de toldo verde com esses pedaços da terra da avó à porta de nossa casa.

O comboio é um puzzle de vidas: um entrar no olhar fugaz e momentâneo do «está livre?», quando se sentam no compartimento que era só nosso e de onde desfrutávamos a paisagem chã, de um Norte a vestir-se de Centro, sozinhos com o som sincopado dos rodados nos carris. A fantasia de quem será a senhora misteriosa lá na frente e qual será o significado daquele olhar de reprovação do senhor obeso que mal cabe na cadeira.

É de todos e não é de ninguém: tem vida própria quando espera pelos passageiros que se atrasaram com o peso das malas e sacos e sacas e garrafões. Chama a atenção dos carros que se espreguiçam na passagem-de-nível, umas com guarda, de bandeira enrolada, que tudo corre bem, ou sem guarda, com estridentes campainhas fornecidas por uma empresa portuguesa das que ainda não faliu.

E abana as estruturas de betão e metálicas das obras de arte, quando dança a caminho de um destino que pode estar já ali, nem nos sentamos, ou está longe e demora mais do que um sono a chegar.

É o palco de crimes e soluções francesas de uma escritora inglesa. Um paquete em terra, com cruzeiros de dias ou semanas, [illegible] forme o Continente, e o dinheiro que se disponha. Um hotel, um café, um restaurante, sobre rodados de metal que se desgastam com os milhares de quilómetros que são sua sina.

É de raça mansa como certos cães. Espera pelo apito para correr. E é a nossa viagem ao [illegible] passado e projecção para o futuro. Uma espécie em vias de bitolas triplas.

Por linhas travessas sabemos ser amigo do ambiente. Preserve-se, pois!

José Cândido para o Dario com um grande abraço.

© Dario Silva, 2006

Linha do Douro